

2012

Manual da Criança

Saiba como lidar com seu filho nos primeiros 2.000 dias



O Metro é um meio de transporte moderno, nos leva de forma rápida para nosso destino, ainda que seja por caminhos subterrâneos.

A criança necessita de trilhos (limites) para aprender gradativamente sobre a vida, mergulhar nas próprias experiências do subconsciente para alcançar a plena liberdade de poder, mais tarde, dominar seus medos.

CAPÍTULO I

Quando você fala alguma coisa a alguém e é mal interpretada, qual a sua reação? Já lhe ocorreu isso, não é?

Provavelmente, fica com raiva! Se o assunto for grave, dá uma vontade de agredir a pessoa! Estou errado? Em 99 vezes em cem, você não vai escolher essa pessoa como conselheiro para suas dificuldades, certo?

Fundamentos: O que aconteceu? Sua criança interna, aquela que só reage com as emoções e não com a razão, quando está necessitando de conselho e orientação, só tem duas opções: vai ao encontro de quem confia ou retrocede e fecha a porta do coração.

Se sua criança, seu filho ou filha, é comunicativa, dada, alegre, isso significa que ela está manifestando, para terceiros, aquilo que aprendeu com os pais: ausência de medos, confiança na abertura e na entrega. Cuidado! Não vá aplaudi-la por isso, pois poderá desviá-la do bom caminho.

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

Analisemos um caso hipotético que é muito comum e já pode ter-lhe ocorrido:

Algumas vezes, na infância, você escolheu fazer alguma atividade porque achou adequada para as suas necessidades de desenvolvimento, no momento. Desenhar, bordar, formar um vaso de plantas, qualquer coisa. Aquela atividade poderia lhe conferir mais confiança e segurança e, através dela, conseguiria dissipar seus medos e frustrações. Claro que a criança não pensa em nada disso nem faz as coisas com algum propósito definido, mas ela se **sente** assim.

Procure pensar um pouco sobre isso e recordar como se sentia, então. De repente, vem alguém e a elogia, acha que essa nova atividade é apropriada para você, é a que você executa melhor. Daí, você fica confusa, pois o que estava sentindo não estava relacionado com a atividade em si, mas com o bem que aquela atividade lhe proporcionava, no momento. Os reforços externos muito fortes e, provavelmente, vindos de alguém que você admirava e em quem confiava a fizeram desviar a atenção do enfoque A(**esta atividade aumenta a confiança em mim próprio**) para enfocá-

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

la no enfoque B(**com esta atividade adquire maior aceitação e admiração**).

Fundamentos: o primeiro enfoque A é correto porque é legitimado pelos valores que se desenvolvem no próprio interior da criança. Por isso, são permanentes e contribuem para o desenvolvimento do Centro Interno de Valorização Individual, a base e o fundamento de uma personalidade sólida, sadia, equilibrada e centrada. O segundo enfoque B é falso porque está assentado em valores externos, que são mutáveis e não permanentes, fazendo que a criança que for conduzida por esses estímulos tenha pouca confiança em si própria e passe a vida a guiar-se pelas opiniões alheias.

Tocamos em duas verdades básicas:

1-Ninguém conhece, realmente, tanto do mundo interior de um ser humano quanto o próprio indivíduo.

2-A liberdade responsável cresce e se desenvolve a partir do interior da pessoa.

Quando o leitor ou a leitora tiver refletido e vivenciado algumas dessas situações descritas, relacionadas a sua própria vida,

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

abordarei, em seguida, algumas dicas sobre a educação de seu filho(a). Falarei de alguns erros comuns que devem de ser evitados, como repetir: "Você é muito inteligente", "Você é só movimento", "É muito esperto!", "Puxou Papai". Também indicarei alguns caminhos de como fazer que ele controle sua raiva, não se feche em copas, e mantenha as vias de comunicação sempre abertas para você. E mais, como conseguir que ele aprenda a identificar e a respeitar limites!

* * *

CAPÍTULO II

Aqui estou de volta para colocar mais alguns temas para sua reflexão. Tenha em conta que isto não é um texto de ficção e para que consiga lidar com as situações que surgem na educação de uma criança é absolutamente necessário que tenha antes experimentado e refletido sobre estes ensinamentos em seu próprio contexto, em seu próprio mundo interior. E se essa vivência puder ser executada pelo casal, a criança será recompensada mil vezes. Naturalmente, são conhecimentos que adquiri de muitas leituras, mas que foram assimilados pela via da reflexão e experimentação. Creio que vocês poderão encurtar caminhos fazendo o mesmo: refletir, com base nas suas vivências pessoais, experimentar e observar.

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

No capítulo anterior, comentei os efeitos, às vezes desastrosos, dos elogios mal orientados. Hoje falaremos das fundamentações e implicações dos elogios.

Virginia M. Axline, reconhecida terapeuta infantil em N. York, se expressa assim no seu interessante livro "Play Therapy":

"Quando a liberdade de iniciativas se abre para uma criança, sua escolha recai sobre as atividades em que se sente mais segura. Qualquer exclamação de surpresa ou elogio pode ser interpretada como indicadora de direção a seguir. Com isso, outras esferas de exploração são fechadas, representando perdas da maior importância para ela."

Podemos simbolizar esse conhecimento na imagem de uma planta crescendo num vaso. Se ela lança um ramo em direção ao leste (sol nascente) e se o dono do vaso é adepto da

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

filosofia Shambala que valoriza o sol nascente, ele poderá interpretar que a planta está tentando seguir o seu caminho. Para facilitar, coloca anteparos escuros na face ocidental (sol poente) e deixa aberta a face oriental.

A abertura são os elogios e a face escurecida são as oportunidades perdidas de experimentação. Qual o resultado? Uma planta desproporcional, mal crescida e desequilibrada.

Ao transmitir juízos de valor à criança, coisas do tipo: "Você puxou a simpatia do papai", "Você é muito esperta", só servem para transmitir mais insegurança à criança, além daquelas que ela já luta para se libertar. Na sua insegurança natural, ela percebe que não há afinidade entre o que ela sente e o que se lhe diz. Assim tais juízos transmitem-lhe a mensagem "Mãe quer que eu seja

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

assim". Resultado, mais raiva, medo e insegurança.

Para evitar esses constrangimentos à criança, o método que elegi como o melhor, pelos rápidos resultados que produz, é o do REPETECO:

Tudo que a criança faz você faz.

Tudo que a criança diz você repete.

Em certa ocasião, quando jantava com minha afilhada, uma executiva muito hiperativa, entre outras coisas, ela comentava com orgulho, que a Clara, sua filhinha, com dois anos na ocasião, era todo movimento, seus brinquedos estavam relacionados ao movimento, carro, motos, aviões, etc... Nada de jogos de montar, que exigem paciência, ela dizia! No cartão de Natal que me havia enviado, no qual Clara pousava de Papai Noel, a mãe escreveu por ela: "... sou adepta do agito e desse papo de meditação, estou fora!". Minha afilhada sabia de minhas práticas de meditação e

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

quis me cutucar com a mensagem do cartão. Qual seria o verdadeiro sentimento da criança se ela pudesse se expressar? Talvez dissesse: "Por que será que as mães gostam de falar por nossas bocas, hein?".

Como você percebe, há um natural direcionamento da "planta" para o lado do movimento, da atividade, o aspecto forte da minha afilhada que o quer ver reproduzido na filha. Alertada e conscientizada do problema iminente, porque é uma mulher inteligente e bem intencionada, corrigiu-se a tempo, removendo o papelão escuro que a impediria de ter a experiência da interiorização.

No processo de desenvolvimento da criança, importa mais deixá-la livre em suas experiências e fantasias, pois só através destas, ela obterá o fortalecimento do seu **Centro Próprio de Valorização**, através do qual virá o sentido da aceitação de si, a superação

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

de seus medos e o desenvolvimento de sua dignidade. A função do educador será, portanto, só acompanhar o processo, ajudá-la a verbalizar ou expressar os sentimentos que afloram em grande confusão, como se fosse o desabrochar de uma nova estrela a partir do caos.

Como deve ser então, o procedimento dos pais?

Tentar verbalizar e comentar a ação da criança, sem julgamentos e sem demonstrar expectativa específica de que ela concretize algo. Cabe somente a ela abrir seus próprios caminhos. Os pais devem apenas segui-la, respeitá-la, entendê-la. Todas as iniciativas cabem a ela. **Todas!**

Vamos exemplificar algumas situações corriqueiras no cotidiano de uma criança, só para facilitar a compreensão:

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

C: -Tire-me os sapatos—ordena a criança.

M: -Você está com vontade de tirar os sapatos, não é?

C: -Tire-me já os sapatos.

M: -Você quer tirar os sapatos e quer a ajuda da Mamãe, não é?

C: -É

M: -O modo educado de pedir é: "Mamãe, ajude-me a tirar os sapatos". Agora, Criança repete para Mamãe.

Como percebe, a criança é imperativa porque aprendeu a sê-lo com a mãe. Na fase inicial de seu desenvolvimento, a mãe se comunica com ela através de ordens imperativas: NÃO, SIM, PODE, NÃO PODE. Quando a criança começa a se expressar da maneira como aprendeu, não significa que queira abusar dos outros, como supõem os adultos. Faz-se necessário que a mãe tenha isso bem presente e, evite

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

envolvimento emocional, do tipo: "meus filhos me fazem de escrava!" Vá **interpretando** para a criança o que ela quer expressar e inclua, com carinho, a nova forma de se expressar. Essa é a prática da autoridade amorosa. É preciso demonstrar seu sentimento de confiança ilimitada nela e transmitir-lhe a convicção de que não há respostas escondidas e sentimentos ocultos para ela adivinhar.

Por isso, é uma boa prática verbalizar com perguntas, para certificar-se de que a criança está expressando, realmente, aquilo que você está captando.

Tem mais! Aguarde!

* * *

CAPÍTULO III

Como prometido, outro tema que vai ser de especial interesse para vocês, Papai e Mamãe.

Como estabelecer limites, respeitando a liberdade. Iniciamos com um exemplo?

M -Está na hora de dormir. Comece a guardar seus brinquedos.

C -Não e não! Não estou com sono.

M -Agora não está com sono, mas quando estiver na cama vai dormir.

C -Não quero ir! Não, não e não!

M -Você está gostando de brincar e gostaria de ficar mais algum tempo, não é?

C -É.

M -Pois é, mas o tempo terminou e terá mesmo de ir dormir. Amanhã, você terá novamente tempo para brincar.

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

Fale com calma, voz baixa, firmeza e sem concessões. Se ele aumentar o volume da voz, baixe mais a sua, pois isso vai transmitir a ele a sua segurança. Procure obter uma resposta afirmativa da criança. Um "É" é muito importante. Significa que você conseguiu estabelecer uma comunicação ideal com ela, indo ao encontro das expectativas dela. Quando a criança percebe que a mãe conseguiu adivinhar o que ela queria, ela se entrega com mais docilidade à orientação da mãe. Esse processo ao qual denominei "Repeteco" tem a qualidade de não constranger a criança por meio de elogios, (Você é boazinha e vai obedecer a Mamãe), barganhas, (se você for dormir agora, vou te fazer uma surpresa) ou insinuações, (Papai vai ficar bravo!)

Ora, isso é, em última análise, respeitar o espaço e o tempo da criança. A criança deve aprender, com os pais, a respeitar-se a si mesma e a experimentar, com frequência, um

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

sentimento de dignidade que desabrocha de seu crescente autoconhecimento.

Quando ela percebe que não está servindo de brinquedo nas mãos dos adultos, esse sentimento de dignidade começa a aflorar. Só então será possível para ela, reconhecer com autenticidade os direitos e diferenças dos outros.

A criança vai aprender a respeitar o espaço-tempo dos outros, quando tiver adquirido uma mínima experiência de que ela própria tem seu espaço-tempo respeitado. É como se adquirisse um bem valioso que não desejará perdê-lo, jamais. Ao adquirir esse senso de valor, aprenderá a respeitar, livremente, o espaço e tempo dos outros como forma de preservar seus direitos sobre o seu próprio tempo e espaço.

Vamos a outro exemplo?

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

A criança está na praia brincando com bonequinhos de madeira.

C -Este aqui é papai, esta é mamãe, este sou eu e esta é a vovó.

M -Então este é papai, esta é mamãe, este é você e esta é vovó.
(Princípio do Repeteco)

C -É. (início da comunicação)

A criança ajeita os bonequinhos na areia e joga um monte de areia sobre a vovó, deixando-a enterrada.

P -Você não gosta da vovó?—pergunta Papai. (Errado: juízo de valor)

M -Porque fez isso com a vovó?
(Errado: expectativa de que haja alguma razão)

V -Você enterrou a vovó, não é?—a avó pergunta. (Parabéns! Acertou: repete apenas o que a criança fez)

C -É. (a comunicação continua)

Vamos aos fundamentos:

Ela pode estar expressando algum sentimento em relação à avó. (Pode ser que ela cobriu a vovó de areia porque o sol está muito forte e ela ouviu a vovó dizer que o sol não faz bem para sua pele clara).

Quem poderá saber, por antecipação, o que se passa na cabecinha inocente de uma criança?! Para não correr riscos de invadir aquele momento da criança (seu espaço-tempo) o melhor método é o do Repeteco. Não deve haver nenhuma pressão ou insinuação para que a criança verbalize ou explique sua ação. Se ela se sentir segura no direito de fazer o que bem entender com suas fantasias, no momento que lhe pertence, (sentimento que corresponde para os adultos, à liberdade de pensamento) ela poderá se sentir igualmente segura para verbalizar, ou seja, permitir que a mãe compartilhe de seu espaço-tempo.

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

É preciso fazer essa conquista, granjear a confiança incondicional da criança, para que os pais possam, efetivamente, orientá-la e participar, com eficiência, da educação dela.

A questão do espaço-tempo é importantíssima para a criança. Ela necessita ter momentos dela nos quais ninguém interfira. Ela necessita trabalhar com suas fantasias, brincando sozinha. Os pais interferem muito porque querem ajudar perguntando o que ela está fazendo, porque não faz desta ou de outra maneira e preocupados de que a criança possa se sentir sozinha e abandonada, impingem a ela programas de TV, filmes e outras bobagens onde ela tem participação passiva. Esse é o sentimento dos pais, mas de nenhuma maneira é o da criança. Nesses momentos de espaço-tempo próprios, a criança desenvolve a criatividade. Quando elas não têm essa oportunidade, desenvolvem a memória, pela repetição imposta pelos pais, mas não necessariamente a

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

inteligência que depende da capacidade de relacionar um fato com outro e isto só se alcança com a criatividade. Portanto, aprendam a deixar a criança em paz, brincando sozinha no seu pequeno mundo, falando sozinha e se encontrando.

Tem mais, mas, por ora, tenha com a sua criança felizes momentos e desfrute da vida com prazer, pois a vida é bela!

* * *

CAPÍTULO IV

Semana passada estive jantando na casa de um casal, ele engenheiro e ela psicóloga. A certa altura, entrou o filhinho único correndo com um prato na mão, um babador meio sujo no pescoço e berrando:

–Papei tudo!

–Muito bem!–bradaram os pais e aplaudiram com palmas o feito infantil.

O garotinho caminhou para o meu lado, meio curioso e arredio com a presença estranha e tentou puxar minhas barbas.

–Você ficou contente de mostrar para papai e mamãe que papou todo o jantar, não é?–disse-lhe eu.

–É!

–E se papai e mamãe estivessem fora, você ia papar tudo, assim mesmo?

Seguiu-se um momento de indecisão. Percebi que lhe era difícil responder.

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

-Você ia papar só o que tivesse vontade, não é?

Percebi o brilho nos seus olhos.

-É-respondeu-me com convicção.

Dei-lhe uma tapinha nos fundilhos sugerindo que levasse o prato para a cozinha e, dirigindo-me aos pais, disse-lhes:

-Vocês vão ter um filho obeso, se querem saber.

Vamos aos fundamentos?

Não se deve elogiar os feitos de uma criança a partir de nossa perspectiva. No caso real apontado, os pais condicionam a criança a receber prêmios quando come tudo, possivelmente, além da conta. A criança come para receber os prêmios (afeto, elogios, amor, aceitação) enquanto devia comer para satisfazer uma necessidade interna (fome, apetite). Ao invés da criança prestar

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

atenção ao que diz o seu corpinho, está fixada no que vai dizer papai e mamãe.

Deixa de agir em função do seu corpo, como fazia quando era bebê, para só agir em função das expectativas de outros, portanto, de valores que estão fora de si mesma.

Quando expliquei meu ponto de vista à mãe psicóloga para esclarecer o que quis dizer com meu prognóstico, ela justificou-se afirmando que, sem estímulos, o filho não comeria.

—Quando bebê, ele não mamava? Pode explicar-me como conseguia fazê-lo mamar com elogios?

É natural que a criança que está sendo educada a se conduzir a partir de estímulos externos, comece a apresentar comportamentos imprevisíveis. Não come porque lhe faltam elogios, presentes, recompensas. A razão principal é que ela não sente fome porque deixou de prestar atenção ao seu organismo.

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

Pessoas com esse comportamento têm o hábito de comer porcarias a toda hora.

Numa palestra sobre o assunto, me perguntaram como eu sendo empresário era contra os elogios se toda a técnica de motivação está baseada no elogio.

—Essa é a razão—respondi. Você elogia um funcionário para que ele se adapte ao trabalho que é necessário. Elogios para vender, elogios para viciar no fumo e na bebida, elogios para gerar conformismo. Todos esses elogios são centrados fora do indivíduo.

O elogio bom, positivo, aquele que ajuda o ser humano a crescer, é o elogio do repeteco. Reforçar a ação feita.

—Você me surpreendeu ao pedir-me desculpas. Não esperava que o fizesse, mas ao fazê-lo demonstrou coragem, caráter, centro.

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

–Fiquei muito grato por sua ajuda porque ela veio de modo espontâneo. Mostrou que você tem sensibilidade e espírito de doação. Obrigado!

–Parabéns! Você venceu o desafio porque se preparou para ele, batalhou e usou todos os recursos de que dispunha. Poderia ter ficado se lamentando, mas foi à luta!

* * *

PERGUNTAS E RESPOSTAS:

–Quero compreender melhor os fundamentos do elogio do repeteco.

–O elogio do repeteco é dirigido ao reconhecimento de um esforço próprio, de um trabalho interior que teve resultados exteriores, elogios que uma criança necessita em cada uma de suas

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

pequenas conquistas. Não elogiar o que foi feito, mas a habilidade desenvolvida, a conquista interior, o esforço empregado. Ela necessita desse reforço para ter certeza de que as ações que resultam de valores internos são reconhecidas como valores. Os elogios devem, portanto, conduzir a criança ao permanente contato com seus valores interiores e não para satisfazer a vaidade dos pais, porque a criança fez o que eles esperavam.

–Você tocou maravilhosamente naquela festa! Abafou! Esteve muito melhor que o tecladista. (ERRADO: elogio da ação)

–Ao ouvi-lo tocar notei o quanto você está progredindo. Pareceu-me mais firme, mais concentrado nos próprios sentimentos e conseguiu expressá-los com uma técnica mais apurada. (CERTO: elogio de valores)

Lição de casa:

-Qual deles sensibilizará mais um músico iniciante?

-Como convencer uma criança rebelde?

-Primeiro não existe criança rebelde. Existe sim criança com comportamento rebelde oriundo da má educação que vem recebendo. Como se manifesta essa rebeldia?

-Ela se recusa a nos acompanhar, quer sair sozinha apesar da pouca idade que tem, seis anos.

-Você pode contar a ela alguma experiência real que teve ao sentir-se perdida. A sensação de solidão, de desamparo, de incerteza, de abandono e a sensação de impotência ante a situação. É por isso que os pais querem que ela ande junto com eles. A criança aprende de forma muito simples, não elaborada, através das emoções. Ao

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

ensinar, desperte nela as emoções relacionadas, com uma história, uma vivência ou deixando-a viver uma experiência real.

Não se trata de convencê-la a fazer isso ou aquilo porque os pais querem e sim que ela fique convencida, por si mesma, de que deve ser assim.

—Pode dar-nos mais alguns esclarecimentos sobre a independência dos filhos?

Se seu filho apresenta uma série de qualidades, porque aprendeu com os pais, isso é bom, mas não basta. É preciso que essas qualidades sejam assimiladas, não por imitação, mas por experimentação. Por exemplo, vencer o medo do escuro deve ser assimilado através da experiência de ficar no escuro, sozinho.

—Papai e mamãe ficam sós no escuro e não sentem medo. Hoje você pode ficar no escuro com papai e mamãe só para experimentar, está bem?

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

Quando a criança aprender através de experiências próprias, vai adquirindo, aos poucos, a famosa independência dos pais o que tornará a estes inúteis um dia e, por isso, totalmente realizados. Ela terá realizado que os pais a ajudaram a refletir e a vivenciar as próprias experiências que a tornaram independente deles. Felizes os pais cuja criança aprendeu a ser livre com eles. Então, se houver uma crise em casa, separação ou morte, ele não será tão afetado se souber lidar com as próprias emoções e tiver prática de vivenciar suas próprias experiências. Com superproteção é um desastre!

– Quero entender melhor a questão dos julgamentos.

–Este é hábito difícil de eliminar! Julgar é preciso, mas somente as ações, não a pessoa que a pratica.

–Bater na sua colega é muito feio. (Certo: julga a ação)

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

–Você é muito feia, pois bateu na colega. (Errado: Julga a pessoa)

–Retirar objetos dos outros é roubo. Não se faz isso! (Certo)

–Você é uma ladra. (Errado)

–Que fazer quando não se compreende o que a criança quer?

Se a mãe não sabe interpretar o que a criança quer não lhe deve resposta nenhuma. Deve dar o sinal de que não entendeu. Dessa forma a criança que não deve entender uma porção de coisas, aprende que isso não é um problema só dela. Aprende com mamãe que se ela tem alguma dificuldade, o melhor não é chutar um sim ou um não, ao acaso, mas mostrar que não entendeu.

* * *

CORPO E MENTE

Marcos e Alexandre apesar de serem gêmeos são completamente diferentes. Marcos tem cabelos claros e olhos azuis como o pai e Alex, como é usualmente chamado, tem olhos castanhos e cabelos negros, como a mãe.

Marcos, com cerca de quatro anos, está absorto no que está fazendo, um desenho no qual utiliza cartolina branca, pinceis atômicos de várias cores com os quais trabalha misturando as cores, fazendo sombras, traçando linhas aparentemente sem lógica e propósito, apenas orientadas por sua inclinação pelas cores fortes, formas difusas e grandes espaços brancos simbolizando vazios, segundo ele. Alex, por sua vez, prefere os jogos de montar, puzzles e com várias pecinhas vai fazendo surgir figuras de acordo com um plano determinado. Quando termina o trabalho, que às vezes leva quase um dia inteiro corre a mostrar o resultado aos pais e outras pessoas da casa. Gosta de receber elogios e faz tudo por merecê-los. Marcos não. Completa seus desenhos, verdadeiros borrões caóticos, sem nenhum significado aparente; não há o vislumbre de um ser humano, de um animal, de uma árvore ou casa; não há formas definidas, apenas cores em proporções variadas cercadas de vazios, os espaços brancos. Não os mostra a ninguém e tampouco os esconde.

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

Quando sua mãe, ao observar seu trabalho pergunta-lhe o que significa Marcos simplesmente levanta os ombros e sacode a cabeça. Não se alegra quando a mãe o elogia e diz que sua pintura é bonita. Parece indiferente, ao contrário de Alex que se sente muito gratificado. A mãe acha o Alex mais comunicativo, mais inteligente e Marcos muito introvertido, tímido, pouco comunicativo, vivendo aparentemente num mundo próprio que não o quer partilhar com ninguém.

Mais tarde, ambos foram para a escola, ao redor dos sete anos e logo Alex se integrou com os colegas, professores e funcionários. Era bom nas atividades esportivas e ganhou popularidade com suas façanhas. Ao contrário, Marcos era muito estudioso, o primeiro da classe, aprendia tudo com grande facilidade e aparentemente sem esforço, mas não tinha muitos amigos e não parecia muito simpático por isolar-se demasiado. Alex pertencia ao grupo, procurava vestir-se com as roupas, tênis e acessórios que o grupo valorizava, mas Marcos não estava nem aí. Não tinha a menor necessidade de pertencer a qualquer coisa, parecia muito satisfeito consigo mesmo e agia com grande independência. Se Alex era popular entre os colegas, Marcos era admirado, cortejado por alguns que faziam tudo o que ele mandava ou pedia só para gozarem da sua companhia. Despertava a inveja de alguns que não alcançavam compreendê-lo e era alvo de constantes chacotas, desafios, piadas, etc. Se

Manual da Criança

Dagoberto Aranha Pacheco

Marcos não reagia, por que não ligava, de verdade, era então chamado de covarde, medroso e de outros nomes que aqui não convém repetir. Um dia, um grandalhão do grupo deu um empurrão em Marcos e o derrubou. Marcos, sem titubear, levantou-se e foi para cima do outro lutando bravamente, esmurrando, dando-lhe chutes e socos e levando outros tantos. O grandalhão que não esperava nenhuma reação não estava preparado e levou a pior; ficou estendido no chão, gemendo de dor e cercado da turma, que pasma, apenas observava.

Marcos não se vangloriou de seu feito heroico, simplesmente afastou-se do lugar, vagorosamente.

No dia seguinte, Marcos foi recebido pelo grupo como verdadeiro ídolo. Ao contrário de Alex que tudo fazia para ser aceito e admirado, Marcos continuou agindo exatamente da sua peculiar maneira como se nada tivesse acontecido. Quanto menos queria aparecer, mais aparecia, mais despertava admiração, mais colegas vinham consultá-lo sobre seus problemas. Alex foi ficando arredio, esquisito, agressivo, nervoso, respondão, impaciente e de tantas broncas que levou dos professores, colegas e dos próprios pais foi se recolhendo, se fechando até que a psicóloga da escola advertiu seus pais

que o garoto necessitava de ajuda, pois apresentava sintomas de depressão.

Ela explicou aos pais dos gêmeos que Marcos, ao contrário do que os pais supunham era muito saudável. Ele não era tímido, sabia o que queria e fazia as coisas acontecerem de acordo com sua vontade. Marcos era muito atento e vivia conectado com o mundo real, o mundo que ele sentia, via, cheirava, ouvia e saboreava. A todo o instante estava presente e atento ao que ocorria e se os outros estavam preocupados com quimeras e fantasias ele não lhes dava nenhuma importância. Alex, entretanto, estava muito desconectado do mundo real e despendia muito esforço para atender as expectativas irreais de um mundo fantasioso e cambiante criado na sua imaginação. Quando percebeu que já não conseguia impressionar seus colegas, como no princípio, ficou meio perdido, sem saber o que estava acontecendo e isso explica o seu comportamento mais recente.

Na verdade, disse a psicóloga, faltalhe sintonia entre corpo e mente. O que Alex sente com o corpo não corresponde às fantasias que tem em sua mente. Marcos, ao contrário, sente exatamente o que está vendo, ouvindo, tocando e percebendo com seus sentidos e o mundo lá fora corresponde ao mundo interno de Marcos. Há sintonia entre corpo e mente e, por isso ele demonstra segurança e firmeza no que faz.